

ÉTICA DO CUIDADO PARA UMA EDUCAÇÃO HUMANIZADORA E EMANCIPATÓRIA

ETHICS OF CARE FOR A HUMANIZING AND EMANCIPATORY EDUCATION

*Guadalupe Corrêa Mota**

Resumo: Este artigo, em forma de ensaio crítico, discute a influência da cibercultura neoliberal no ambiente educacional e os desafios que ela impõe à implementação da ética do cuidado nas práticas pedagógicas. A cultura digital, marcada por valores como individualismo, competitividade e tecnicização, contribui para a despersonalização das relações e a mercantilização da educação. Contrapondo-se a esse cenário, a ética do cuidado, fundamentada em princípios de humanização, diálogo e solidariedade, é defendida como um imperativo categórico para a construção de uma educação humanizadora e emancipatória. A análise se baseia nas contribuições de Paulo Freire e Maria Amélia Santoro Franco, destacando a importância de estratégias pedagógicas que promovam o desenvolvimento integral dos estudantes, o reconhecimento da alteridade e a responsabilidade coletiva. O artigo propõe práticas pedagógicas que enfatizam o diálogo, a conscientização crítica e a solidariedade, apontando a necessidade de formação continuada dos educadores para enfrentar as pressões do neoliberalismo tecnicista e preservar a dimensão humana na educação.

Palavras-chave: Ética do cuidado. Cibercultura neoliberal. Humanização. Paulo Freire. Maria Amélia Santoro Franco.

Abstract: This article, a critical essay, discusses the influence of neoliberal cyberculture on the field of the education and the challenges it imposes on the implementation of the ethics of care in pedagogical practices. The digital culture, characterized by values such as individualism, competitiveness, and technicization, contributes to the depersonalization of relationships and the commodification of education. In contrast to this scenario, the ethics of care, grounded in principles of humanization, dialogue, and solidarity, is advocated as a categorical imperative for the construction of a humanizing and emancipatory education. The analysis is based on the contributions of Paulo Freire and Maria Amélia Santoro Franco, highlighting the importance of pedagogical strategies that promote the integral development of students, the recognition of otherness, and collective responsibility. The article proposes pedagogical practices that emphasize dialogue, critical awareness, and solidarity, pointing to the need for continuous educator training to face the pressures of technicist neoliberalism and to preserve the human dimension in education.

Keywords: Ethics of care. Neoliberal cyberculture. Humanization. Paulo Freire. Maria Amélia Santoro Franco.

Introdução

O ambiente educacional contemporâneo, como um subsistema da sociedade, encontra-se profundamente influenciado pela cultura cibernética digital neoliberal, que prioriza valores como individualismo, competitividade e eficiência, atravessada pela velocidade das transformações socioculturais decorrentes dessa hipertecnologização. Essa cultura, ao enfatizar a tecnicização das relações humanas e a mercantilização da educação, impõe desafios significativos à vivência da ética do cuidado nas práticas pedagógicas. A ética do cuidado, fundamentada em princípios de humanização, diálogo e solidariedade, conforme delineada por Paulo Freire e Maria Amélia Santoro Franco, contrasta

* Doutora em Educação pela Universidade Católica de Santos. Professora e membro da Pró Reitoria de Pastoral na mesma instituição. Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. E-mail: guadalupeemota@unisantos.br

fortemente com as racionalidades mercadológicas e produtivistas que atualmente dominam as instituições educacionais e sociais de modo geral.

O neoliberalismo, ao promover uma visão de mundo centrada na competição e no desempenho individual, dificulta a criação de ambientes educacionais que valorizem a alteridade, a cooperação, o apoio mútuo, a solidariedade e o desenvolvimento integral dos estudantes, pois desde muito cedo, as crianças são levadas a considerar o êxito individual como a principal meta a ser alcançada na vida. A crescente tecnicização das interações educacionais, mediadas por plataformas digitais, tende a despersonalizar as relações entre educadores e educandos, dificultando a construção de um espaço onde o cuidado, o respeito às diferenças e a promoção do bem-estar coletivo, sejam horizontes de vida mais significativos e atraentes para todas as gerações.

O acesso desigual às tecnologias digitais no contexto brasileiro e no Sul Global, pela imposição da lógica neoliberal que prioriza o lucro no gerenciamento das políticas públicas, exacerba as desigualdades educacionais, criando barreiras adicionais para a implementação de uma ética do cuidado que seja inclusiva e atenta às necessidades de todos os estudantes. Nesse contexto, o foco desproporcional em habilidades técnicas, em detrimento das competências humanas, marginaliza ainda mais os esforços para promover uma educação orientada pela ética do cuidado.

Diante desse cenário, surge a necessidade de problematizar os limites e dificuldades que a cultura cibernética neoliberal impõe à ética do cuidado no ambiente educacional. Este artigo, em forma de ensaio, está assim estruturado: 1 - Apresentação da problemática ética do cuidado no ambiente educacional em tempo de cibercultura neoliberal; 2 - Análise crítica dessas problemáticas, segundo Paulo Freire e Maria Amélia Santoro Franco; 3 - Proposta de estratégias pedagógicas baseadas na ética do cuidado em vista da promoção de um ambiente educacional inclusivo, humanizador e emancipatório; 4 - Considerações finais.

1 Ambiente educacional em contexto de cibercultura¹ neoliberal²

As tecnologias digitais de comunicação e informação (TICs), com suas possibilidades de acessibilidade, mobilidade e ubiquidade, assumiram papel central na organização da vida, de modo que

¹ O termo cibercultura é assumido a partir da autora brasileira Lúcia Santaella na obra “Humanos e hiper-híbridos: linguagem e cultura na segunda era da internet”, definida como “práticas sociais comunicativas que passaram a se desenvolver nesses espaços. O traço mais característico do ciberespaço e, especialmente, da cultura que nele viceja reside na *velocidade de suas transformações* tanto técnicas quanto dos usos humanos correspondentes. A cibercultura [...] refere-se a todas as formas de inserção, troca, compartilhamento e armazenamento que se abrigam no espaço informacional da internet, ou seja, no ciberespaço, graças às *interfaces interativas humano/computador*” (2021, p. 30;34. Grifos meus).

² O termo “neoliberal”, “neoliberalismo” é assumido a partir de Safatle, W; Junior, N; Dunker, C. *et all*, no livro “Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico”: [...] neoliberalismo não apenas como uma teoria do funcionamento da economia [...], mas também como uma forma de vida [que] articula moral e psicologia, economia e direito, política e educação, religião e teologia política, propondo um *tipo de individualização baseado no modelo de empresa*. Uma vida que deve ser apreendida, dirigida e avaliada como uma empresa” (2021, p. 11. Grifo meu).

não se pode mais falar sobre cidadania, democracia, economia, educação, religião sem referência à dimensão hipermediática da vida social (Santaella, 2023, 2021; Sodré, 2018; Dowbor, 2024). Com isso, tanto na vida profissional dos adultos ou na vida social e educacional das crianças, adolescentes e jovens, em grande medida, nos movimentamos com e através das TICs. Os jovens estudantes, sobretudo, já não conseguem mais se relacionar com conteúdos educativos sem a mediação do celular ou do computador, e acabam elegendo as redes sociais como ferramentas mais amigáveis para a aquisição de conteúdos educativos – e de informação de modo geral – e para a socialização em diversos níveis.

Por sua vez, a indústria das tecnologias digitais tem sido bastante hábil para lidar com o desafio de engajamento de jovens usuários (e cada vez mais cedo) em redes sociais ultra segmentadas e envolvidas na produção frenética de conteúdos sem qualquer possibilidade de verificação imediata da veracidade desses conteúdos (Santaella, 2018), o que também constitui grande desafio para a qualidade da aprendizagem.

Dowbor discute a centralidade das TICs na vida social, identificando o “conhecimento” como a principal matéria-prima do capitalismo contemporâneo, com implicações diretas no subsistema educacional:

[...] não há educador que não sinta que estamos frente a novos horizontes. Por outro lado, estamos avançando a passos largos para uma sociedade do conhecimento, e a problemática da educação se tornou central para todos nós, para o desenvolvimento econômico e social de maneira geral. *O mundo da educação é mais estratégico do que nunca* (Dowbor, 2024, p. 4. Grifo meu).

Se esse novo ambiente sociocultural, gestado por empresas transnacionais que se colocam acima do poder político e das necessidades das populações locais, se apresenta como um desafio para educadores, gestores e sociedade em geral, Dowbor coloca ainda mais lenha na fogueira ao apresentar um elemento essencial na provocação dessa mudança. Ela virá, sobretudo, por uma questão de sobrevivência e porque os estudantes estão “de saco cheio” com o modelo tradicional de ensino: “[os alunos] diariamente comparam os excelentes documentários e reportagens científicas que surgem na televisão e na internet, com as *mofadas apostilas e repetitivas lições da escola*” (Dowbor, 2024, p. 7. Grifo meu).

Santaella apresenta uma outra característica da educação na cibercultura, a perspectiva interdisciplinar, que está a requerer dos educadores um novo olhar para a compreensão desta prática ancestral de formação das novas gerações:

Semelhanças e diferenças nos modos como a mente humana e os computadores operam informações, conhecimentos e pesquisas sobre os modos de aprendizagem dos robôs levaram o campo tradicional de estudos sobre a aprendizagem a uma expansão interdisciplinar constitutiva das ciências da aprendizagem. Ela se define pelo reconhecimento da fertilização cruzada e interação entre diversos campos de estudos como a neurociência, biologia, a psicologia, a computação, a robótica, a educação,

visando desenhar diferentes fontes, métodos e técnicas para o entendimento dos modos como ocorre a aprendizagem (Santaella, 2023, p. 126-127).

Maria Amélia Santoro Franco acrescenta a dimensão ética a estas preocupações sobre o papel da educação neste início de século XXI:

[...] entendo que é exatamente hoje, diante dos enormes problemas que a sociedade humana tem enfrentado, com base nas complexas dificuldades para incluir todos os seres humanos numa convivência frutífera e fraterna, com a perspectiva de enfrentar os grandes desafios que se apresentam à escola em face da revolução nos valores sociais, enfim, é hoje, mais do que nunca, que precisamos de ações pedagógicas, de valores educativos e de novos contornos para a socialização humana (Franco, 2018, p. 13).

Entretanto, essa possibilidade requer proximidade, de disposição de ir ao encontro do outro, escuta sensível como “espaço” em que acontece a experiência profunda da comunicação intersubjetiva, em sua expressão de singularidade e autonomia. Segundo Mota, a

essência fenomênica da educação (para Freire) é a dialogicidade, materializada através do processo inter-relacional entre o educador-educando [...]. Comunicação autêntica é o substrato propício para a existencialização da linguagem e do diálogo, em que cada sujeito epistêmico pode livremente pronunciar a sua palavra, expressão de si e do eu mundo. Comunicação e diálogo, mediante o reconhecimento e a valorização da linguagem/palavra de cada educando (universo vernacular cultural) são fundamento da pedagogia crítica humanista libertadora (Mota, 2022, p. 156).

Ao problematizar as questões propriamente ditas da relação ética do cuidado e educação, é preciso apresentar alguns desafios, limites ou entraves oriundos da cultura digital neoliberal. Esta apresentação encontra sua fundamentação na Metodologia da Investigação Temática de Paulo Freire, no primeiro estágio, que é o da constituição de um repertório vocabular comum para que os agentes envolvidos em um processo educativo possam equalizar o ponto de partida para a compreensão de determinada realidade. Entendo ser necessária essa apresentação, levando em conta que o universo vocabular da cibercultura ainda não é familiar à maioria dos nossos educadores.

A cultura cibernética neoliberal contemporânea apresenta vários desafios significativos para o desenvolvimento da ética do cuidado no ambiente educacional. Dentre os inúmeros, podemos destacar:

Individualismo e Competitividade

O neoliberalismo enfatiza o individualismo, a autossuficiência e a competição como valores centrais. No ambiente educacional, isso pode se manifestar através de práticas que priorizam o desempenho individual, *rankings*, avaliação baseada na meritocracia individual, em detrimento do reconhecimento do valor da alteridade, da dignidade inalienável do outro, da colaboração, da solidariedade, do senso de pertencimento a uma comunidade, com o conseqüente senso de responsabilização pelo outro e pelo cuidado coletivo.

Pressão por produtividade e eficácia

A lógica neoliberal valoriza a eficiência, a produtividade e os resultados mensuráveis a curtíssimo prazo. No contexto educacional, isso pode se traduzir em uma pressão por acelerar processos de ensino e aprendizagem, com foco em métricas e avaliações quantitativas, ou em reduzir o currículo a conteúdos facilmente verificáveis – como Matemática – em detrimento dos conteúdos das Humanidades, como Filosofia, Sociologia, História, Artes, Linguagens dentre outros.

A ética do cuidado demanda tempo e espaço para que educadores e estudantes possam desenvolver relações de confiança, atenção ao outro, e processos de aprendizagem que respeitem os ritmos individuais, o que é difícil de alcançar sob pressões constantes por produtividade.

Mercadorização da educação, clientelização dos educandos

A educação sob a lógica neoliberal, muitas vezes, é tratada como uma mercadoria, onde o valor do “conhecimento adquirido” está atrelado ao retorno econômico e à empregabilidade, e não ao desenvolvimento humano integral. Os ambientes escolares – do ensino básico ao superior – são transformados em empresas, submetidas a um nefasto ranqueamento internacional (Freitas, 2018), que não considera os contextos culturais, existenciais, as especificidades existentes no país. Diante disso, mesmo no ambiente da escola pública, o educando é visto como cliente, a educação como mercadoria e o educador como um profissional facilmente descartável e substituível diante do contingente do exército de reserva de desempregados de profissionais da educação³.

Esse enfoque dificulta a implementação da ética do cuidado, que requer uma visão holística e humanista da educação, onde o bem-estar e o desenvolvimento integral dos estudantes e de toda a comunidade educacional são tão importantes quanto os resultados acadêmicos.

Tecnologização e despersonalização das relações

A cultura cibernética, com sua ênfase na comunicação mediada por tecnologias digitais, e caracterizada pela descentralização, particularização, acessibilidade, mobilidade que “implicam desterritorialização – e reterritorialização – de espaços tradicionalmente demarcados” (Sodré, 2018, p. 166), tende a promover interações mais superficiais e menos empáticas. A dependência de plataformas digitais pode despersonalizar as relações entre educadores e estudantes, tornando-as menos propensas ao cuidado e ao diálogo profundo, tendo em vista que a prática da “rolagem da tela” leva a uma necessidade contínua de busca da ‘novidade’ nas redes sociais, fazendo com que o usuário empregue boa parte do seu tempo em uma atividade essencialmente individual. Há ainda que se considerar a facilidade de disseminação de conteúdos nocivos à sociabilidade e ao respeito à alteridade, como os discursos de ódios, xenofobia, *fake news*, e a facilidade de cancelamento com um simples toque da tela.

³ Veja mais informações sobre a empregabilidade de profissionais da educação durante a pandemia: <https://www.fcc.org.br/fcc/educacao-pesquisa/mercado-de-trabalho-de-professores-durante-a-pandemia-no-brasil-tendencias-e-movimentacoes-de-empregos/>. Acesso em: 18 ago. 2024.

A ética do cuidado requer proximidade, empatia e uma compreensão profunda das necessidades do outro, que só pode ser alcançada mediante a convivialidade a longo prazo, algo que pode ser prejudicado em ambientes predominantemente digitais e despersonalizados.

Desigualdade e Exclusão Digital

A cultura cibernética também exacerba as desigualdades, com acesso desigual às tecnologias digitais e à internet (Dowbor, 2024). Estudantes de classes sociais da base da pirâmide – vivendo em absoluta situação de descuido por parte do poder público, o que se reflete nas precárias moradias, na falta de infraestrutura sanitária, na falta de assistência médica, lazer -, podem enfrentar dificuldades em participar plenamente das atividades educacionais *online*, o que cria barreiras adicionais para a implementação de uma proposta pedagógica que promova a ética do cuidado.

A ética do cuidado pressupõe uma atenção às necessidades de todos os estudantes, mas as desigualdades digitais podem impedir que certos grupos recebam o suporte necessário, dificultando a criação de um ambiente educacional verdadeiramente inclusivo e atencioso.

Foco em habilidades técnicas em detrimento de competências humanas

A ênfase na cultura cibernética neoliberal frequentemente está em desenvolver habilidades técnicas e digitais, com menos atenção a competências éticas. A ética do cuidado valoriza as relações humanas e a sensibilidade às necessidades dos outros, competências que podem ser marginalizadas em um currículo excessivamente focado em habilidades técnicas.

Esses aspectos exemplificam o modo como a cultura cibernética neoliberal contemporânea impõe desafios significativos ao desenvolvimento da ética do cuidado no ambiente educacional. Para superá-los, é necessário repensar a compreensão do papel da educação no contexto da cibercultura neoliberal, o projeto de sociedade que queremos construir e engendrar esforços - ao modo de um pacto educativo Global como convidou o Papa Francisco, em 2019 -, para repensar práticas educacionais que afetem todas as etapas da educação das futuras gerações, de modo a dar conta de uma educação que coloque a pessoa no centro, que escute as novas gerações, que promova a mulher, que responsabilize a família, que acolha os mais vulneráveis e marginalizados, que renove a economia e a política, e que cuide da Casa Comum (Mota; Santos, 2024).

2 O que dizem Freire e Franco sobre a ética do cuidado?

A natureza do ciberespaço, com sua dinâmica altamente fluída, descentralizada, impermanente, tem se mostrado um grande desafio – e uma nova oportunidade - para as concepções tradicionais de educação, para as práticas e, sobretudo, para o papel da educação na sociedade cibernética digital. De um lado, a novidade da dinâmica do ciberespaço ainda não é facilmente apreendida pelos educadores – quer antigos quer novos -, trazendo muita turbulência para os pensadores do campo da educação. De outro,

também para os nativos digitais, o uso familiar das traquitanas tecnológicas não é garantia de aprendizado qualitativo, porque lhes falta o discernimento necessário para selecionar e avaliar como relevante a informação recebida bem como sistematizar, de modo significativo, toda essa avalanche de informações. Mais do que nunca, esta dinâmica está a realçar o papel insubstituível do educador na cibercultura digital.

Pesquisas sobre o resultado da relação novas gerações-tecnologias da informação e educação tem indicado que houve um decréscimo na qualidade da aprendizagem dessas gerações nascidas com a infraestrutura tecnológica digital já consolidada, de modo que tem havido um movimento de retorno ao uso de materiais didáticos físicos nas salas de aulas⁴.

Porém, ao lado da dimensão tecnológica nos processos de ensino-aprendizagem, surgida com a cibercultura digital, a dimensão antropológica da educação permanece como um ponto de ancoragem para as discussões sobre o futuro ou o papel da educação na sociedade hipertecnológica: afinal, com ou sem tecnologia digital de informação e comunicação na sala de aula, com ou sem recursos pedagógicos assistidos por inteligências artificiais ou pela última geração de metodologias pedagógicas, no início, no meio e no fim do processo estará o ser humano, em busca da concretização de sua existência marcada pelo imperativo ético do cuidado: consigo mesmo, com o outro, com a Casa Comum.

Sem essa atenção à ética do cuidado como princípio ontológico, epistemológico, pedagógico, metodológico da prática educativa, a educação, na perspectiva humanista emancipatória, perderá sua razão de ser em qualquer sociedade.

A seguir, serão apresentados os principais elementos ontológicos e epistemológicos na perspectiva pedagógica crítico-emancipatória, segundo Freire e Franco, sobre a ética do cuidado no ambiente educacional.

A ética do cuidado em Paulo Freire

A ética do cuidado em Paulo Freire está profundamente enraizada em sua visão de uma educação como prática da liberdade, através da qual educandos e educadores se comprometem mutuamente com a emancipação e a humanização dos sujeitos envolvidos no processo educativo. Processo tornado prática que se desdobra na ação consciente e engajada dos sujeitos na transformação de seus entornos sociais. A partir do pressuposto antropológico do “inacabamento do ser humano” (Freire, 1967), que se lança na aventura do “ser mais” com os outros homens e mulheres de sua comunidade, de seu mundo, é possível identificar como principais elementos e características ontológicas:

Humanização: Freire considera a humanização como o processo central na educação. A ética do cuidado, nesse contexto, está ancorada na visão biófila de vida (Freire, 1967), significando a condição *sine qua* para reconhecer e promover a dignidade inalienável de cada educando, o respeito por todos os

⁴ Por que a Suécia desistiu da educação 100% digital e gastará milhões de euros para voltar aos livros impressos. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/08/07/por-que-a-suecia-desistiu-da-educacao-100percent-digital-e-gastara-milhoes-de-euros-para-voltar-aos-livros-impressos.ghtml>. Acesso em: 7 abr. 2024.

seres humanos, valorizando a sua capacidade autônoma de ser, de vir-a-ser-com, de construir a sua existência segundo seus valores, suas crenças e visão de mundo, em um movimento contínuo de crítica e de possibilidade de transformação.

Reconhecimento do Outro: Freire insiste na importância do reconhecimento do outro como sujeito pleno, com uma voz própria. Essa preocupação é explicitada na crítica à visão assistencialista da educação, em *Extensão ou Comunicação* (2019), e na necessidade de o educador ter consciência crítica de suas crenças sobre educação, sociedade, e sobre o próprio ser humano, em *Educação como Prática de Liberdade* (1983). A Nota 23 de *Educação como Prática da Liberdade* é exemplar dessa racionalidade:

Nunca nos esquecemos da propaganda, de certa forma inteligente, considerando as nossas matrizes culturais, todavia altamente prejudiciais à formação de uma mente crítica, feita para certo homem público brasileiro. Aparecia o busto do candidato, com setas dirigidas à sua cabeça, a seus olhos, à sua boca, às suas mãos. E, junto a estas setas: *Você não precisa pensar, ele pensa por você! Você não precisa ver, ele vê por você. Você não precisa falar, ele fala por você! Você não precisa agir, ele age por você!* (Freire, 1983, p. 121. Grifo meu).

A ética do cuidado, segundo Freire, envolve um compromisso ontológico com o respeito e a valorização das diferenças e singularidades do ser humano, na perspectiva do ser humano como “inteireza dialética” (2021, p. 28).

Interação Dialógica: Para Freire, o diálogo é uma condição ontológico que estabelece relações humanas autênticas. Condição de humanização na relação educacional é cada pessoa envolvida na prática educativa “poder dizer a sua palavra”, em condição de liberdade. É só na “pronúncia da palavra”, através da qual a pessoa expressa a si mesmo, a sua subjetividade, a sua cosmovisão, é que realiza a sua vocação ontológica à relacionalidade, eminentemente humanizadora (Mota, 2022). A ética do cuidado se manifesta na prática dialógica, onde educadores e educandos se encontram como sujeitos ativos, livres, em um processo de coconstrução da existência humana e dos conhecimentos qualitativamente significativos.

Elementos e características epistemológicas da pedagogia de Paulo Freire

De que maneira a “ética do cuidado” aparece como princípio de construção de conhecimentos na pedagogia de Paulo Freire?

Conhecimento como ato coletivo: Epistemologicamente, Freire vê o conhecimento como algo que emerge das interações crítico-emancipatórias entre os sujeitos. Essa perspectiva rompe com o esquema tradicional da educação entendida como lugar da “transmissão bancária” do conhecimento, em que o professor detém a “posse do conhecimento” e, portanto, está autorizado a “transmitir” fragmentos de conhecimento a outrem, colocado na posição de ‘despossuído’ de conhecimento.

Para Freire, o conhecimento autêntico – aquele que promove a conscientização e emancipação do sujeito e o habilita ao engajamento crítico e transformador em seu mundo – só pode ser produzido quando

educador e educando estão em situação de comprometimento com o processo educativo, entendido como processo de humanização de si e do mundo. Nessa perspectiva, o ponto de partida para um resultado emancipatório só pode ser o do reconhecimento de que ambos, educador e educando são portadores de certo tipo de conhecimento que, colocado em comum, gerará uma compreensão alargada e crítica da realidade:

É este quadro de violência social e epistêmica naturalizada - em que só o conhecimento das elites, o saber dos donos, dos coronéis, dos empresários e dos estrangeiros era validado e, portanto, só este tipo de saber poderia constar nas cartilhas do ensino oficial -, que Paulo Freire enfrenta e constrói - conjuntamente com um sem-número de pessoas, conforme ele mesmo sempre tributou - a alternativa pedagógica na qual defende: todo mundo pensa, todo mundo constrói e tem conhecimentos válidos; todo mundo tem o direito de construir-se a si mesmo, a seu mundo pessoal e coletivo por si e nos seus termos; nenhum saber é inferior a outro saber e pode ser considerado epistemologicamente ilegítimo (Franco; Mota, 2022, p. 1029-1043).

A ética do cuidado implica, portanto, uma pedagogia que valoriza a construção coletiva e contextualizada do saber, em oposição à transmissão vertical, impostas, de meras informações, em geral, alheias à realidade do educando.

Consciência Crítica: Freire defende a importância da conscientização, onde educando e educador vão se tornando consciente de sua realidade social e das opressões que o cercam. Esse processo os leva a compreender os mecanismos e estruturas de manutenção de sistemas de opressão que, em geral, mantém grande parcela da população em estado de miserabilidade e sem acesso às políticas públicas, a identificar as possibilidades de intervenção e transformações dessas estruturas opressoras. Em geral, essa ação se dará mediante a articulação de grupos sociais e da formulação de projetos societários que contemplem a emancipação dos sujeitos como horizonte utópico de ação. A ética do cuidado está ligada à promoção dessa consciência crítica, que permite aos educandos imaginar, projetar e agir em função de transformação do mundo ao seu redor, já no hoje histórico.

Amor como base do conhecimento: Em Freire, o amor é um componente epistemológico essencial, pois é a partir dele que se constrói uma relação pedagógica autêntica e transformadora. Esse amor, entretanto, é ontologicamente constituído de um conteúdo ético, que é o do comprometimento com o outro, com a causa dos oprimidos, com aqueles que, sistematicamente, são submetidos à situação de opressão e de desumanização. Assim se lê em *A Pedagogia do Oprimido*:

O amor é um ato de coragem, nunca de medo, amor é um compromisso com homens. Onde quer que estejam estes oprimidos, o ato do amor está em comprometer-se com sua causa. A causa da libertação. Mas, este compromisso, porque amoroso, é dialógico (Freire, 2017, p. 111).

Nesse sentido, não se pode excluir a ética do cuidado do processo educativo, pois está deriva da consciência de que o educando – seja qual for o seu contexto sociocultural – é destinatário privilegiado

da amorosidade dialógica que dá significado ao conhecimento coconstruído na prática educativa. Mas que não se encerra na aquisição de conhecimentos para fins de ascensão social ou para a inserção no mercado de trabalho: o conhecimento construído em uma prática educativa dialógica, amorosa, respeitosa da singularidade é a única capaz de produzir humanização e emancipação de sujeitos em construção de libertação. Que é tarefa histórica permanente.

Maria Amélia do Rosário Santoro Franco é uma pesquisadora brasileira que, seguindo as pegadas de Freire, defende a ética do cuidado como princípio ontológico e epistemológico de uma pedagogia humanista crítico-emancipatória. Isso porque

processos educativos acompanham a história humana [...] Sendo o homem um ser que nasce inacabado, ele se submete aos cuidados de outros, acolhe-se numa cultura e necessita, inexoravelmente, tanto para a sua sobrevivência como para a construção de sua subjetividade e de sua humanidade, de influências e processos educacionais (Franco, 2018, p. 37).

De seus escritos é possível inferir alguns pressupostos ontológicos que caracterizam a ética do cuidado nas práticas educativas crítico-emancipatórias:

Relação Dialógica: A ontologia do cuidado envolve uma relação dialógica, onde o diálogo genuíno entre os envolvidos é essencial. Isso reflete a importância de ouvir, compreender e respeitar as perspectivas do outro.

Interdependência: A ética do cuidado enfatiza a natureza interdependente das relações humanas. Segundo Franco, todos os seres humanos estão conectados e dependem uns dos outros para o seu desenvolvimento integral e o bem-estar coletivo.

Responsabilidade mútua: A ética do cuidado propõe que todos têm uma responsabilidade mútua no cuidado e na promoção do bem-estar do outro. Essa responsabilidade é vista como uma dimensão política da educação, e uma obrigação moral intrínseca de educadores que se entendem como agentes públicos de transformação das condições de injustiça e de desigualdades. A educação constitui campo privilegiado de lutas, de resistências, de insurgências às racionalidades tecnicistas, mercadológicas e despersonalizadoras das relações humanas, e da defesa da educação como um direito humano, como um bem público.

Reconhecimento da vulnerabilidade: Uma característica fundamental da ética do cuidado é o reconhecimento da vulnerabilidade inerente a todos os seres humanos. Essa vulnerabilidade exige uma postura ética que valorize o cuidado, a proteção do outro, o respeito profundo às singularidades de cada educando.

Como características Epistemológicas, Franco entende que o:

Conhecimento é relacional: O conhecimento, segundo a ética do cuidado, é construído nas relações. Isso significa que o entendimento e a aprendizagem ocorrem através das interações humanas, onde a empatia e a compreensão do outro são elementos e condições essenciais.

Conhecimento é contextual: A epistemologia do cuidado valoriza o conhecimento situado e contextualizado, reconhecendo que as práticas de cuidado variam de acordo com as circunstâncias e as necessidades específicas de cada educando. Entretanto, também há de se promover a valorização do intercâmbio cultural e da possibilidade de mudanças nas percepções e crenças pessoais.

Saber Sensível: O saber na ética do cuidado é um saber sensível, que valoriza as emoções, os sentimentos e as intuições. Esse tipo de conhecimento é considerado essencial para a formação de uma consciência ética e empática, e é desenvolvida mediante uma escuta atenta, sensível e personalizada.

Valorização da Experiência: A experiência pessoal e coletiva é central na construção do conhecimento dentro da ética do cuidado. Santoro Franco enfatiza que as práticas educativas devem valorizar as experiências vividas como fonte legítima de conhecimento, pois as “práticas pedagógicas se configuram na mediação com o outro, ou com os outros, e é esse outro que oferece às práticas seu espaço de possibilidade” (Franco, 2015, p. 601-614).

Práxis Transformadora: A ética do cuidado promove uma práxis transformadora, onde o ato de cuidar não é passivo, mas ativo e voltado para a transformação social. Isso implica em educar para a construção de um mundo mais justo e solidário, o que não isenta os agentes educacionais da tensão e do conflito inerentes à politicidade do ato educativo. Segundo Franco:

A tarefa de organizar a prática do pedagógico envolve posicionamentos políticos, pedagógicos, pessoais e administrativos. Essa é uma ação política, ética e comprometida e que frutifica em ambientes coletivamente engajados com os pressupostos pedagógicos assumidos coletivamente. Configura-se como um jogo de poder em que forças conservadoras e progressistas se ativam mutuamente (Franco, 2016, p. 61-72).

A ética do cuidado é um imperativo categórico imprescindível para a elaboração de teorias e práticas pedagógicas, neste tempo de transformações socioculturais que estão a acontecer em velocidade avassaladora. Disso parece não haver dúvidas entre os especialistas, comunidade escolar, famílias. Mas não se pode dizer o mesmo dos formuladores das políticas públicas, tendo em vista a hegemonia da lógica neoliberal – e da cultura cibernética digital - que adentra o âmbito político, deslocando a função social da educação – como um direito humano – para o âmbito de ‘serviço educacional’, a ser oferecido em vista da obtenção de lucro (Freitas, 2018). Apenas privilegiados, mediante a compra, poderão ter acesso àquele bem mais valioso nesta nova fase do capitalismo também chamado de “cognitivo”: o conhecimento (Dowbor, 2024).

Como contribuição para a defesa da educação pública como direito humano, e para a discussão sobre a imprescindibilidade da perspectiva humanista crítico-emancipatória da educação – em face da

hipertecnologização do ambiente educacional e da perspectiva tecnicista-mercadoológica que esta tendência traz -, seguem algumas propostas de estratégias pedagógicas para desenvolver a ética do cuidado nas práticas educativas.

3 Proposta de estratégias pedagógicas baseadas na ética do cuidado

Recorro a Freire e Franco para apresentar algumas estratégias pedagógicas embasadas na ética do cuidado que possam subsidiar experiências em sala de aula que favoreçam o sentimento de pertença a uma comunidade que defende e valoriza a alteridade, a diversidade, a cooperação e a solidariedade como metas de uma vida coletiva saudável e humanizadora.

Educação Dialógica

A prática do diálogo é um elemento central na educação. A educação dialógica envolve um processo de comunicação mútua e respeitosa (mediada ou não por tecnologias de informação e comunicação digitais), onde educadores e educandos aprendem uns com os outros e viabilizam o processo permanente da construção da humanização de si e do mundo.

Estratégia: O diálogo é usado para construir conhecimento coletivamente e para fortalecer as relações de cuidado, respeito e amorosidade entre todos os envolvidos no processo educativo.

Conscientização (Conscientização Crítica)

Freire e Franco enfatizam a importância de desenvolver uma consciência crítica nos educandos e nos educadores. Isso significa ajudá-los a reconhecer as condições de opressão e desigualdade em suas vidas e na sociedade.

Estratégia: A prática pedagógica problematizadora buscar deter-se em temas relevantes para a realidade dos educandos, encorajando-os a refletir criticamente sobre suas experiências e a agir para transformar essas realidades. Isso promove o cuidado não só consigo, mas com a comunidade e o mundo.

Pedagogia do Oprimido

Freire propõe uma pedagogia que engaja oprimidos e opressores em um processo permanente de libertação das condições de opressão, transformando também as relações de poder no processo educativo.

Estratégia: A ética do cuidado é desenvolvida através da solidariedade e do compromisso com a transformação social, onde o educador se coloca ao lado dos educandos, valorizando suas vozes e experiências como fontes legítimas de conhecimento.

Práticas Colaborativas

Incentivar atividades colaborativas que exigem que os alunos trabalhem juntos, compartilhando responsabilidades e aprendendo a cuidar uns dos outros no processo. Desenvolver projetos de serviço comunitários, através dos quais os alunos possam aplicar a ética do cuidado em situações reais, ajudando a desenvolver um senso de responsabilidade social.

Formação continuada dos educadores

Capacitação em ética do cuidado: Embora a ética do cuidado seja apontada como princípio ontológico e epistemológico de práticas pedagógicas humanizadora, é preciso oferecer formação continuada para os educadores sobre este princípio, de modo que seja inserido no cotidiano da vida escolar – e na vida social – como um valor inegociável e sempre em construção.

Para Freire e Franco, a ética do cuidado no ambiente educacional é desenvolvida por meio de estratégias que promovem o diálogo, a conscientização, a solidariedade e o respeito às experiências dos educandos. Enquanto Freire enfoca a transformação social e a libertação dos oprimidos através da educação crítica, Franco propõe uma educação comunitária e participativa, que valoriza o cuidado em todas as suas formas como fundamento para a prática pedagógica.

Considerações finais

A cultura cibernética digital, alicerçada no capitalismo neoliberal, apresenta-se como um grande desafio à vivência da ética do cuidado no ambiente educacional. Quer por sua ilusão de aproximação, familiaridade, possibilidade de diálogo e de respeito às diferenças, advindas com as tecnologias de informação e comunicação – ao alcance da mão em todo tempo e lugar – quer pela cultura da lógica individualista e meritocrática exacerbada, em que as pessoas passam a se compreender e a agir como um “empreendimento” quantificável pela métrica do êxito. O fracasso não pode ser uma opção e o outro é um inimigo a ser derrotado, não um companheiro na viagem da construção da humanidade. E neste âmbito, a educação é apenas uma mercadoria a ser adquirida para incrementar esta performance de si.

Nesse cenário, o compromisso ético-político de educadores do campo humanista crítico-emancipatório busca centrar esforços na clarificação e na valorização de uma ética do cuidado que dê conta de resgatar, junto às novas gerações - cujas subjetividades vêm sendo construídas pela lógica do isolamento, do distanciamento territorial e cultural,- o sentido coletivo da existência e o compromisso com o bem-estar do outro, da sociedade, do meio ambiente, naquela postura biófila defendida por Freire.

Assim, para que isso aconteça, ainda apostamos em práticas pedagógicas que privilegiem a dialogia, a conscientização, a criticidade, a luta pela superação das opressões, as práticas colaborativas e solidárias, sem descuidar de um processo permanente de formação de educadores como resistência à racionalidade neoliberal tecnicista e mercadológica que invade nossas vidas pessoais e coletivas. Também na educação.

E com Freire, reafirmamos: “Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar” (Freire, 2017, p. 253).

Referências

- DOWBOR, Ladislau. *Tecnologias do Conhecimento*. São Paulo, junho de 2024. Disponível em: <https://dowbor.org/wp-content/uploads/2020/08/13-TecnDoCnh2013.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2024.
- FRANCO, M. A. R. S. *Pedagogia e prática docente*. São Paulo: Cortez, 2018.
- FRANCO, M. A. R. Santoro. Relações do docente-bacharel do ensino superior com o saber didático-pedagógico: dissonâncias e rupturas entre saberes e práticas. In: *Em Aberto*, Brasília, v. 29, n. 97, p. 61-72, set./dez. 2016.
- FRANCO, M. A. R. Santoro. Práticas pedagógicas de ensinar-aprender: por entre resistências e resignações, In: *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 601-614, jul./set. 2015. 603. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/gd7J5ZhhMMcbJf9FtKDyCTB/?lang=pt>. Acesso em: 12 ago. 2024.
- FRANCO, M. A. R.; MOTA, G.C. Do Humanismo Crítico ao Neoliberalismo Pedagógico: Caminhos de Resistência. In: *Rev. Eletrônica Pesquiseduca*. Santos, v.14, n.36, p. 1029-1043, maio-ago, 2022).
- FRANCISCO, Papa. *Pacto Educativo Global*. Disponível em: <https://anec.org.br/acao/pacto-educativo-global/>. Acesso em: 18 maio 2024.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou Comunicação?*. São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- FREIRE, Paulo. Papel da Educação na Humanização. 1967. In: *Acervo Digital Paulo Freire*. Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org/handle/7891/1128>. Acesso em: 5 maio 2019.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. 13 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- FREITAS, Luiz Carlos de. *A reforma empresarial da educação: Nova direita, velhas ideias*. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. *Mercado de trabalho de professores durante a pandemia no Brasil: tendências e movimentações de empregos*. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/fcc/educacao-pesquisa/mercado-de-trabalho-de-professores-durante-a-pandemia-no-brasil-tendencias-e-movimentacoes-de-empregos/>. Acesso em: 18 ago. 2024.
- MOTA, Guadalupe Corrêa; SANTOS, Carolina Mureb. Pacto Educativo Global: uma síntese das prioridades pastorais do Papa Francisco. In: *Revista de Cultura Teológica*. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/63704>. Acesso em: 12 ago. 2024.
- MOTA, Guadalupe Correa. *'Eu, não, nós!': o humanismo relacional de Paulo Freire como princípio epistemológico para uma pedagogia crítica*. 2022. 291 f. Tese (doutorado) - Universidade Católica de Santos, Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação, 2022.
- SAFATLE, SILVA JUNIOR, DUNKER (Orgs.), 2021. *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. 1 ed. 2 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- SANTAELLA, Lúcia. *A inteligência artificial é inteligente?* São Paulo: edições 70, 2023.

SANTAELLA, Lúcia. *Humanos hiper-híbridos: linguagens e cultura na segunda era da internet*. São Paulo: Paulus, 2021.

SODRÉ, Muniz. *Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes*. 2 ed. 2 reimp. Petrópolis: Vozes, 2018.

Recebido em: 18/08/2024

Aprovado em: 30/09/2024